

Notas e informações

Exemplo de fé

Enlouquecida pela dor, a multidão que queria despedir-se do presidente Tancredo Neves em Belo Horizonte provocou tumulto que só não adquiriu cores de tragédia de vastíssimas proporções (ainda assim registraram-se cinco mortes de populares pisoteados durante a aglomeração defronte do Palácio da Liberdade) por causa da intervenção de d. Risoleta Neves. Superando o pesar que a submetia, ela dirigiu a todos apelo dramático, destinado a acalmá-los, lembrando que o estadista desaparecido tinha a certeza de encontrar no povo o apoio de que iria carecer para edificar uma nação digna e livre. Fez ver à massa humana que o dever de cada um dos que a compunham consiste agora em transferir o amor demonstrado a Tancredo Neves "a todas as suas idéias, a todo seu trabalho, para que possamos ter em breve um Brasil melhor".

Se palavras proferidas em circunstâncias tão trágicas tiveram o condão de evitar uma autêntica catástrofe, com mortes muito mais numerosas do que as assinaladas, vale acentuar que nas atitudes de d. Risoleta Neves mais eloqüente é o exemplo que dá aos brasileiros. Ela lhes transmite nesta hora pressaga a noção exata de quanto contam virtudes como fé e esperança; e qualidades como coragem e fortaleza de ânimo. Tanto as virtudes como as qualidades mencionadas não se improvisam, a força das atitudes que inspiram tem raízes na vida interior, contemplativa, cristalizada na formação de uma personalidade que há de ter concorrido conscientemente para o êxito da carreira política de Tancredo Neves, no recesso de uma vida familiar tranqüila e digna. Personalidade que, acentue-se, só nestes últimos meses se revela à opinião pública, em boa parte por causa do infortúnio que atinge em cheio o País e vítima diretamente a viúva e os descendentes, filhos e netos, do presidente eleito.

A verdade é que nunca como neste instante os brasileiros necessitaram de fé, tomada a palavra não apenas para expressar

crença no sobrenatural como também no sentido de confiança. É preciso confiar no resultado da pregação de Tancredo Neves, apta a sensibilizar o povo para que colabore na construção rápida e na prática fiel de um regime de liberdade (conciliada com ordem) e aberto à observância de princípios de justiça social — arma adequada a desmanchar desigualdades chocantes de uma sociedade ainda fechada a ponto de abrigar milhões de menores carentes, candidatos à marginalidade, e analfabetos, condenados a viver na treva da ignorância.

É indispensável, mais, que saibam esperar os brasileiros. Passivamente, não. Esperar atuando, trabalhando com firme determinação para que o País emergja da crise que o extenua; para construir o futuro melhor a que faz jus. Trata-se, estabelecida uma simbiose, de uma espera confiante, nunca pessimista. Pois o pior já passou e constituiu-se não apenas do longo período de arbítrio, que demoliu o Direito e generalizou a intranqüilidade, como de infundáveis seis anos nos quais a administração pública se viu presa da conspiração sinistra entre a negligência, a desonestidade e a incompetência.

Ora, essa espera confiante pressupõe coragem e fortaleza de ânimo, que dinamizarão o trabalho a empreender e moldarão o exemplo capaz de multiplicar-se aos olhos de quantos ainda se deixassem abater pelas vicissitudes que enfrentam. Governantes e governados têm de dar-se as mãos para bem desempenhar a tarefa ingente de recuperar a economia, restaurar a ordem jurídica, produto, expressão e vínculo da vontade coletiva, e abrir a sociedade, permitindo a ascensão dos melhores e dos mais capazes, venham de onde vierem. Nada disso se conseguirá sem esforço diuturno; mas, se não se iniciar já a marcha batida no rumo indicado, se perderá tempo precioso. "Para uma caminhada de muitas léguas é preciso dar o primeiro passo", ensina um provérbio chinês.

Para remate, note-se que há na atitude de d. Risoleta Neves uma lição de civismo, que quer dizer devoção ao interesse público e, em aceção ainda mais alta, patriotismo. Ninguém duvida de que Tancredo Neves viveria hoje, caso o comodismo falasse mais alto e ele se tivesse deixado permanecer no Palácio da Liberdade. Porém, sendo homem de missão, ele entreviu a ocasião de servir ao Brasil, quando se pretendia pôr à venda a Presidência da República. Depois da campanha maiúscula pelas eleições diretas, da qual participou intensamente, aceitou candidatar-se à chefia do Executivo, aglutinou as forças políticas que se reuniram sob a bandeira da Aliança Democrática, enfrentou a escolha por parte do colégio eleitoral, obteve meritório triunfo. Ninguém duvida de que adiou a intervenção cirúrgica que, realizada a tempo, seguramente o salvaria, preocupado com as consequências de sua internação hospitalar entre 15 de janeiro e 15 de março. A demora lhe foi fatal. No entanto, desde 14 de março até o último dia 21, ninguém surpreendeu d. Risoleta Neves a queixar-se da dedicação com que Tancredo Neves satisfiz as obrigações que assinara, a ponto de vir a perder a vida. Claro, a conformidade que demonstra decorre da compreensão nítida da grandeza da missão que se atribuíra seu marido.

Nada disso passa despercebido ao povo. Ele entende ou intui a realidade; e as manifestações de amor e gratidão que tributa ao estadista que perdeu traduzem a convicção de que assistiu a um sacrifício maior, inspirado em razões superiores que só se explicam por uma singular vocação para a vida pública. Eis por que, dando testemunho de que comungava com o marido na aspiração superior de lançar os alicerces de "uma Nação digna" para que fosse possível "ter em breve um Brasil melhor", d. Risoleta Neves poderá atenuar o sofrimento que a acomete com a paz de consciência que se reflete nestas palavras de São Paulo a Timóteo: "Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé".